

RESENHA

CAMPBELL, Joseph. *Todos os Nomes da Deusa*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1997. 204 p.

por Virgínia Inácio dos Santos*

Todos os nomes da deusa

O livro *Todos os nomes da Deusa*, não foi escrito única e exclusivamente pelo então autor. O texto que estaremos a resenhar foi escrito por quatro pessoas: duas autoras (Riane Eisler, que escreveu o primeiro capítulo, e Marisa Gimbuatas, autora do segundo capítulo) e dois autores (sendo que o terceiro capítulo escrito por Joseph Campbell, e o quarto capítulo por Charles Musès). No entanto, obra foi dedicada a Joseph Campbell, amigo pessoal de Charles Musès, autor do quarto capítulo. "Joseph Campbell escreveu o terceiro capítulo dessa obra e faleceu no final de outubro de 1987" (p. 7).

A obra *Todos os Nomes da Deusa*, além dos quatro capítulos, traz um epílogo com uma celebração da Deusa, na qual apresentação da Grande Mãe do Universo, se descreve os primeiros 83 nomes atribuídos à Deusa nas mais diversas culturas ocidentais, africanas e orientais. Passemos, então, ao conteúdo efetivo do texto.

A deusa da natureza e da espiritualidade: um manifesto ecológico

Atualmente, as mudanças no sistema de conhecimentos e paradigmas científicos são radicais e tornam-se cada vez mais frequentes. Os estudos arqueológicos e religiosos têm acompanhado esse processo. "Nas artes das sociedades antigas, primitivas ou berço da civilização,

há uma ausência geral de imagens de homens matando uns aos outros em batalhas ou estupro de mulheres" (p. 12). Portanto, são sociedades que parecem ter sido extraordinariamente equitativas, nas quais as mulheres e o feminino ocupavam posições sociais importantes. "Na verdade, existe uma esmagadora evidência de que, embora tanto as divindades femininas quanto as masculinas fossem reverenciadas nessas sociedades, o poder mais elevado era visto como o poder feminino de dar e manter a vida, o poder encarnado no corpo da mulher" (p. 12).

O conhecimento desses fatos coloca em discussão os fundamentos de todo um sistema piramidal masculino de 5000 anos, marcado pelas guerras, com dominação e conquistas permitindo "a mudança de paradigmas fundamentais na história arqueológica e religiosa que dá uma relevância direta às nossas ascendentes crises sociais e ecológicas" (p. 13).

Nesse sentido, uma nova visão do nosso passado e futuro potencial surgirá, em que, as relações entre metades feminina e masculina da humanidade, sem as quais nossa espécie não poderia sobreviver, têm grandes implicações para a totalidade de um sistema social. É um conhecimento que anuncia indícios míticos de uma realidade diferente, que apesar, de não terem sido um patriarcado, não significam que tenham sido necessariamente um matriarcado, mas, sim, sociedades de parcerias que, por sua riqueza, podemos considerar de Atlântida perdida, em que a natureza e a espiritualidade estavam ligadas.

A vênus monstruosa da pré-história

Neste capítulo, a autora contrasta a conceituação da Vênus paleolítica como é designada com sua verdadeira indicação ou retratações pré-históricas das mulheres. Nesse sentido, "em muitas crenças, contos de fada e enigmas dos povos europeus, as imagens femininas míticas dão continuidade a algumas características daquela pré-histórica Deusa da Vida, da Morte e da

* Virgínia Inácio dos Santos é membro do Netmal, mestra em Bíblia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e doutoranda pelo mesmo programa.

Regeneração. Mesmo quando foram severamente demonizadas durante a Era Cristã, suas características arcaicas podem ser reconstruídas” (p. 40), como são em muitos países europeus.

A Deusa, como símbolo do nascimento e desenvolvimento da vida, nas figuras femininas da “arte pré-histórica, continuou além do Paleolítico, sendo que, a importância simbólica da vulva permaneceu universal por toda Europa durante uns trinta mil anos” (p. 41). Apresentada como a grande vulva, associada com plantas e sementes simbolizando o nascimento humano e da natureza assim como sua combinação com o falo, ela aparece no Paleolítico e no Neolítico e na forma de ave aquática, dando-lhe uma ligação com a esfera aquosa, na qual toda vida começa. Também foi associada a outros elementos da natureza e tida como a doadora e tomadora de vida. Por isso, em muitos momentos, a Deusa é representada como uma fêmea com seios exageradamente grande ou apenas pelos seios.

O sapo como símbolo da regeneração também foi associado à Deusa junto à vulva em posturas de dar à luz. É de se realçar sua grande importância, a ponto de ter firmado, em muitos mitos egípcios, gregos e romanos como sendo sapo a própria Deusa, bem como, também é a vulva ou o útero.

Em suma, neste capítulo podemos perceber que ela era a Mãe mais do que humana. Ela é a Mãe universal com poderes sobre toda natureza humana e cósmica. Mas nota-se que sempre que o tema da Deusa surge em nossas sociedades modernas, de dominação masculina, há uma reação sexual por parte dos formadores e não só de idéias nas culturas. Mas, segundo o autor, “com a obra de Marija Gimbutas, a religião da Deusa torna-se tão cientificamente fundamental quanto a religião do Deus” (p. 65).

Os misteriosos números da deusa

Discorrendo sobre a numerologia que acompanha a Deusa, durante tempos remotos, constatou-se que está revestida de simbologias misteriosas que têm a ver, até certo ponto, com o juízo final, ou seja, com o fim dos tempos, aos quais todos estamos submetidos. O autor aborda

sobre vários textos e mitos, que trazem numerologias ligadas às coisas divinas citando, por exemplo, a literatura do primeiro Testamento, a Neotestamentária e outros.

Campbell faz uma análise da narrativa do dilúvio em Gênesis 6.7,8 e afirma que: “enquanto a outra teologia muito diferente vem sendo, ocultada todos estes anos, sob o cuidadoso disfarçado número 86.400, que pode ser apenas uma referência velada para a matematicamente controlada cosmologia pagã, preservada até os dias de hoje nos Purānas hindus, de uma série interminável de ciclos de aparecimentos e dissoluções do mundo de algum deus com sua criação” e tendo em conta que a narrativa do dilúvio é pós-exílica, então, os judeus, ao voltarem do exílio da Babilônia, tiveram de juntar os 600 anos da idade de “Noé, na época do dilúvio, como relato no capítulo sete, para produzir um total de exatamente 1.656 (p. 75)”, essa data difere com o relato nos textos suméricos.

“Como Vênus, Ishtar, Sati, Inanna, Mâyã-Sakti-Devi, Astarté e outros nomes, dos quais não podemos citar todos nesta resenha, a Deusa dos muitos nomes dos antigos funcionava e era universalmente reverenciada como a fonte do ser, não apenas de toda vida temporal, como também da vida eterna” (p. 81) e da vida cotidiana. Ela era percebida em todas as mulheres, sem nos esquecermos, que, como no início de sua história, a característica principal da Deusa era bissexual, absoluta e única em suas funções de geradora, criadora suprema, que cria a partir de sua própria essência – ela é a Deusa principal. “Nisso, ela contrasta com a Mãe Terra indo-européia, que é o sagrado espírito impalpável da terra e não é, em si própria, um princípio criativo; somente através da interação com o deus-céu ela pode ficar grávida”, assim nos afirma Gimbutas (p. 82). Essa imagem da deusa indo-européia parece ser uma reflexão das relações humanas no sentido da criação, cujo poder criativo da vida, no sentido de procriação encontra-se na relação mútua de ambos os sexos.

Tida como a redentora e a pulsação do ser, a Deusa da harmonia e da discórdia detentora não só de vários nomes como também de várias formas entre os répteis, aquáticos, anfíbios e outros

elementos da natureza, na Índia é celebrada em uma litania dos seus 108 nomes” (p. 87). Os nomes Deusa e os números que a simbolizam são diversos. Campbell faz uma abordagem exaustiva sobre a problemática que consideramos de grande utilidade para os estudos feministas da religião.

Com o surgimento do cristianismo e sua proliferação, o culto à Deusa foi se fragilizando e perdendo espaço. Como nos alude Campbell, tudo indica que a “designação cristã de Maria como a verdadeira Mãe de Deus, no ano de 431, representa a continuação em um contexto patriarcal posterior desta mesma idéia de uma Deusa criadora não-dual dos deuses e de todas as coisas, ‘bissexual, absoluta e única na sua função geradora’ criando (como uma aranha, sua teia) seu mundo a partir de sua própria essência” (p. 141).

O caminho imutável da deusa

A gravidez superior e nascimento superior, no antigo Egito e na China, estão relacionados com o xamanismo, mas não são uma forma de êxtase arcaico ou mesmo o ato de curar, e sim o desenvolvimento da comunicação com uma comunidade de seres superiores aos humanos. Nesse sentido, o verdadeiro xamanismo tem como característica principal a *teurgia*¹, o que se pode entender como uma metamorfose embrionária. Mas a falta de conhecimento sobre como os corpos vivos se organizam no interior constitui-se em um dos desafios da atual civilização em relação às formas de vida.

Uma má notícia dos nossos tempos é a hostilidade que nossa civilização globalizada tem em relação a todas as formas de vida. Alimentando as idéias de que não existe nenhum esquema de coisas senão a molecular na qual vivemos na terra, e nenhuma inteligência e capacidade mais

elevadas do que as humanas, supõe-se que a personalidade individual e a forma viva cessam com a dissolução física do corpo molecular. Esses pressupostos cientificamente dúbios podem levar a uma sociedade com a lei da selva ou a um coletivismo essencialmente desesperançado.

Mas, em meio a esses desafios e conflitos contemporâneos, é possível encontrar algumas boas notícias que apontam para uma nova forma de vida. Ao conhecermos os desafios do nosso tempo, temos a esperança de que o ser humano seja capaz de ter transformações superiores dele mesmo, em que “as atuais formas de vida, e notavelmente os seres humanos, devem ser considerados como formas *larvais*, cujo destino é transformar a si mesmas e em formas mais elevadas capazes de viver sob condições muito diferentes e de exercer poderes que nos pareçam bastante extraordinários em nosso estado atual” (p.156).

Na realidade, isso nos levaria a uma embriologia superior que resulta em maiores poderes e uma maior individualização. O segredo dessa transformação, segundo o autor, encontra-se no próprio cérebro humano, ou seja, no próprio corpo humano, uma vez que “a antiga doutrina teúrgica ensinava que nos recônditos obscuros e misteriosos de cada cérebro humano estão localizados os centros de controle para a indução de um processo metamórfico mais elevado no indivíduo, do qual a borboleta, maravilhosa como é, é apenas um análogo grosseiro e imperfeito” (p.157). Percebe-se uma capacidade extraordinária do ser humano de elaborar ritos superiores de passagens nos quais o progresso dá origem a um novo começo.

Ao apontar pistas possíveis de novo começo de vida humana, cuja valoração da vida torna-se evidente, mesmo diante do progresso humano, é uma contribuição muito importante dessa obra para os estudos feministas e de gênero.

Entendemos que esse estudo oferece amplo conhecimento sobre os diversos nomes da Deusa em diferentes culturas africanas, ocidentais, orientais assim como do meio oriente. Essa abor-

1. Esse termo significa, em sua literalidade, uma atitude divina, ou seja, uma gravidez transcendente inspirada pela deusa aos cérebros e corpos humanos, que ficam neles impregnados até a morte física. Nesse sentido, seria uma embriologia da metamorfose (p. 152).

dagem ajuda a entender as raízes profundas e mais intensas das inspirações humanas, em que apesar de a Bíblia, como fundamento da religião cristã, nos remeter a um pai Criador da humanidade e fonte de toda a vida animal e inanimada, a maior parte das histórias e mitos primitivos de muitos povos dos mais diversos continentes alude para uma Grande Mãe. Como sendo a autora da criação e doadora de toda vida. O conhecimento da existência dessas Deusas ajuda-nos nas análises de gênero e feministas. Permite-nos, também, um embasamento teórico e bibliográfico na mudança de paradigmas, uma vez que esta tem sido uma das grandes lutas das feministas e analistas de gênero, tanto na academia quanto nos movimentos populares – a mudança de paradigmas que visa ao sagrado masculino em detrimento do demoníaco feminino, possibilitando os dois campos, tanto o feminino quanto o masculino, circular em o espaço do sagrado e do demoníaco, sem para tal estereotipar um ou outro.